

Transmissão e contágio nas relações entre mães lésbicas e suas filhas e filhos

Mônica Fortuna Pontes¹

Anna Paula Uziel²

Resumo: O presente texto pretende abordar a temática das homoparentalidades nas vozes de filhas e filhos que cresceram ou crescem em lares de mães lésbicas, mais especificamente no que tange à vivência da sexualidade dessas/es filhas/os. Para tal, utilizaremos as noções de contágio e transmissão como forma de pensar os atravessamentos da homossexualidade das mães na vida dessas/es filhas/os, uma vez que, ainda hoje, é difundida a ideia de que mães lésbicas criarão lésbicas e gays. Composto com as noções de contágio e transmissão, o dispositivo da sexualidade e o dispositivo da maternidade serão evocados: o primeiro pelo fato de filhas/os aqui abordadas/os se construírem subjetivamente referenciadas/os à homossexualidade das mães, entendendo sexualidade como participante dos jogos de saber e poder; o segundo por se configurarem a partir de exercícios de maternidade. A perspectiva de filhas/os será trazida com base em entrevistas individuais realizadas com seis filhas brasileiras, cinco francesas e dois filhos, um de cada nacionalidade, no Brasil e na França, no período de 2016 a 2018, no curso de uma pesquisa de doutorado. Observou-se que a ideia de transmissão da homossexualidade foi completamente rechaçada pelas/os filhas/os entrevistadas/os, até porque a orientação sexual de uma pessoa é forjada numa complexidade de eventos e vivências, posição essa que reforça o que inúmeros estudos já apontavam. Enfim, o trabalho sugere que essas/esses filhas/os foram contagiadas/os, sim, por suas mães. Porém, contagiadas/os com visões de mundo plurais. Foi-lhes transmitido abertura para enxergarem multiplicidades de formas de ser, mas não lhes foi transmitido homossexualidade.

Palavras-chave: homoparentalidade; filhosorientação sexual; homossexualidade; transmissãolesboparentalidades; contágio

¹ Doutora em Psicologia Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro/UERJ. m.fortunapontes@gmail.com

² Professora Associada do Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro/UERJ. uzielap@gmail.com

Ainda hoje o assunto homoparentalidades³ desperta inquietações e torce pontos de vista arraigados nas sociedades. As famílias que se constituem através do encontro entre pessoas do mesmo gênero, por escaparem às normas sociais estabelecidas, sugerem subversões e incitam reflexões. Nas inúmeras brechas que abrem num tecido social poroso, tais famílias, através de seus componentes, nos contam novas e, também, conhecidas histórias. O presente texto pretende apresentar tais histórias nas vozes de filhas e filhos⁴ que cresceram ou crescem em lares com mães lésbicas, mais especificamente no que tange à vivência da sexualidade delas e deles. Para tal, utilizaremos as noções de contágio e transmissão como forma de pensar os atravessamentos da homossexualidade das mães na vida de filhas e filhos, uma vez que, ainda hoje, é difundida a ideia de que elas e eles serão lésbicas como as mães ou gays. O termo contágio é usado para designar algo que se transmite ou se comunica, podendo ser uma doença, mas não exclusivamente. Vem do latim, contagio, de contacto, união, relação, infecção, participação em cumplicidade (TORRINHA, 1942, p.196). O termo transmissão vem do latim, transmissio, que designa passagem de um lugar para outro, travessia, trajecto (TORRINHA, 1942, p.886,). Segundo o dicionário Aurélio, ato ou efeito de transmitir, transferência (FERREIRA, 1986, p. 1702). O pânico social de que a homossexualidade das mães seja transmitida às/aos filhas/os ainda vigora e é usado, por parte da sociedade, como argumento para impedir a homoparentalidade.

Compondo com contágio e transmissão, o dispositivo da sexualidade será evocado pelo fato de filhas e filhos aqui abordadas/os se construírem subjetivamente referenciadas/os à homossexualidade das mães, entendendo sexualidade como

³ O termo homoparentalidades abarca as parentalidades lésbicas e gays. No presente texto abordaremos especificamente as famílias de mães lésbicas e, em alguns momentos, utilizaremos também o termo lesboparentalidades para nos referirmos a elas. Serão utilizados no plural por entendermos que há uma multiplicidade de formas de composição de famílias homoparentais, assim como não há uma única família heteroparental.

⁴ Como a maioria das filhas/os entrevistadas/os para a tese que deu origem ao presente texto é do sexo feminino, fizemos a opção por utilizar a palavra filha, no feminino, na frente da palavra filho, no masculino, ou seguida da barra e do sufixo masculino, ainda que fora do contexto das entrevistas.

participante dos jogos de saber e poder (FOUCAULT, 1988). E o dispositivo da maternidade será também acionado para pensar as “formas de falar e de ver maternidades e sujeitos-mãe”, conforme denominado por Marcello (2014, p. 201).

As referidas histórias foram colhidas através de entrevistas individuais realizadas com 6 filhas brasileiras, 5 francesas e 2 filhos, um de cada nacionalidade, no Brasil e na França⁵, no período de 2016 a 2018, no curso de uma tese de doutorado que trata do atravessamento da homossexualidade de mães lésbicas nas vidas de filhas e filhos.

Em pesquisas que abordam as homoparentalidades, ainda que o tema central seja filhas/os, raramente a perspectiva delas/es é apresentada (VECHO; SCHNEIDER, 2005). Ou seja, são sujeitos da pesquisa sem que sejam protagonistas. Assim, de acordo com AUTOR, fica a cargo de profissionais da medicina, da psicologia, pensadores da sociologia, antropologia, profissionais do direito, ou mesmo das próprias mães o que se diz sobre filhas/os. Segundo Sarcinelli (2022), a homoparentalidade, à primeira vista, parece assunto de adultos. Diante do exposto e objetivando ir de encontro ao adultocentrismo, o presente texto apresentará pontos de vista de filhas/os com relação às suas práticas e orientações sexuais no contexto das lesboparentalidades.

Diferente do que acontece em famílias heteroparentais, a sexualidade das mães lésbicas é tematizada e se destaca quando se trata de configurações homoparentais. Em ambos os países onde as/os filhas/os foram ouvidas/os, Brasil e França, as crianças estão no centro das inquietações dos Estados quando o assunto é família. Tais preocupações vêm de grupos religiosos e, também, de representantes de saberes científicos que lutam no sentido de reiterar normas vigentes e parecem ignorar o que centenas de estudos (GOLOMBOK; SPENCER; RUTTER, 1983; BAILEY; BOBROW; MIKACH; WOLFE, 1995; GOLOMBOK; TASKER, 1996; BOS; SANDFORT, 2010; GARTRELL, BOS; GOLDBERG, 2011) apontam e outras centenas de famílias já vivem.

⁵ Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE) com bolsa de estudos CAPES, em Paris.

O poder disciplinador, sempre alerta e com objetivo normatizador, é encarregado de controlar e corrigir os que se afastam das regras estabelecidas e naturalizadas (FOUCAULT, 2010). As relações homossexuais são costumeiramente dissociadas das relações familiares e vistas com preconceito, apesar de todas as mudanças sociais. De acordo com Fonseca (2005, p.53-54):

O comportamento sexual – visto como uma questão de liberdade individual e de práticas consentidas entre adultos – era colocado de um lado, e a instituição sacrossanta da família, de outro. Essa divisão nas próprias categorias de percepção, sem dúvida, explica como muitos liberais conseguem a façanha de aceitar parcerias homoafetivas como “quase” normais, ao mesmo tempo em que rejeitam a possibilidade de *gays* adotarem crianças. Quando a sexualidade invade, dessa forma, o terreno da família, pronunciamentos sobre o comportamento homossexual se afastam rapidamente da categoria “normal”, recuando para o território do “perigoso” ou “potencialmente nocivo”, sem falar do “perverso”. A conjunção desses dois temas – sexualidade e família – é, portanto, sugestiva, pois nos obriga a estranhar certas associações e separações que ocorrem “naturalmente”; a desmistificar certas “fronteiras” – formas de classificação que acontecem no dia-a-dia sem que analisemos as consequências.

As famílias homoparentais explicitam esses dois temas, sexualidade e família. A conhecida polêmica sobre a própria criação do termo⁶ e seu uso traz a junção de ambos os assuntos, os quais deveriam permanecer separados. Dentre as preocupações sociais em relação às famílias homoparentais, duas se destacam: o desenvolvimento psicológico de filhas/os e a transmissão da homossexualidade das mães para suas/seus filhas/os, uma vez que a orientação homossexual é entendida como desvio, doença, algo que se deve evitar. Neste texto, discutiremos a ideia difundida de que mães lésbicas contagiariam filhas e filhos com sua homossexualidade, algo que poderia ser fortemente transmitido.

⁶ Criado em 1997, pela *Association des parents et futurs parents gays et lesbien* (APGL), o emprego do termo homoparental torna-se importante porque confere visibilidade a essas famílias.

Aspectos metodológicos

Como perspectiva metodológica foi utilizada a abordagem cartográfica, proposta por Gilles Deleuze e Félix Guattari, “tomada como um mapa em constante processo de produção, instaurando um processo de experimentação contínua capaz de criar novas coordenadas de leitura da realidade, criando uma ruptura permanente dos equilíbrios estabelecidos” (ZAMBENEDETTI; SILVA, 2011, p. 457).

De acordo com a perspectiva cartográfica o campo de pesquisa é construído durante a caminhada, sem definições prévias, e sim com possibilidades. A cartografia se apresenta como um terreno de multiplicidades (ZAMBENEDETTI; SILVA, 2011) onde é possível que se vá além do objetivo e do óbvio, e que se revisitem os platôs invisíveis para o olho-do-visível (ROLNIK, 2014). E para habitar este terreno, o corpo vibrátil (ROLNIK, 2014) é fundamental, porque ele se torna a possibilidade de contato com as práticas que se estabelecem. Sendo assim, acompanhando os fluxos e movimentos de uma pesquisa cartográfica, a definição da idade das/dos participantes (dos 12 aos 45 anos) se deu no decorrer do percurso, à medida que a pesquisa se desenvolvia.

Dentre as histórias ouvidas há aquelas de adoção nacional e internacional; tia que assumiu a maternidade da sobrinha; concepção através das novas tecnologias reprodutivas com sêmen de doador anônimo na Bélgica e na França; casais heterossexuais que se separaram e as mulheres passaram a viver com outras mulheres. Há casos em que filhas/os foram criadas/os por duas mães; outros em que foram criadas/os por uma mãe e uma madrinha⁷ ou companheira desta – com ou sem a presença de um pai. Há diversidade também no vínculo legal estabelecido entre as/os filhas/os e as mulheres: guarda, adoção conjunta, adoção unilateral ou inexistência de vínculo legal. Existe em comum o fato das/os filhas/os terem sido criadas/os por ao

⁷ Madrinha aqui é a forma de nomear a companheira da mãe, em algumas famílias, ou a mãe não biológica.

menos uma mãe lésbica e todas/os pertencem às camadas médias e médias-altas da população, nos dois países.

A realização das entrevistas foi possível, no Brasil, através da ajuda de pessoas conhecidas pertencentes à rede social e acadêmica das autoras. Na França, a maioria dos contatos se deu através das associações de pais e mães gays e lésbicas de Paris. No quadro abaixo é possível observar algumas características das/os entrevistadas/os:

Quadro 1 – Identificação de filhas e filhos

Nome ⁸	Nacional. Cor	Idade	Configuração familiar	Vínculo legal
Ana	BR Preta	12a	Mãe e companheira da mãe	Mãe - adoção
Carla	BR Parda	16a	Mãe e madrinha / Não conheceu pai, falecido.	Mãe - guarda
Betina	BR Branca	18a	Mãe e pai até 2 anos / Mãe e companheiras	Mãe e pai biológicos
Sophie	FR Branca	19a	2 mães	PMA ⁹ (Bélgica) e adoção ¹⁰
Bruna	BR Parda	19a	Mãe e companheiras / Não conheceu pai, falecido	Mãe biológica
Mathias	FR Branco	20a	Mãe e pai até 3 anos / Mãe e companheiras	Mãe e pai biológicos
Adèle	FR Branca	22a	2 mães	PMA (Bélgica) e adoção ¹¹
Marion	FR Preta	23a	2 mães	2 mães - adoção
Carlos	BR Branco	24a	2 mães / Não conheceu pai biológico, falecido	Mãe biológica faleceu / guarda mãe não biolog.
Lívia	BR Branca	25a	Mãe e pai até 8 anos / Mãe e companheira	Mãe e pai biológicos

⁸ Todos os nomes são fictícios.

⁹ Procriação medicamente assistida (PMA).

¹⁰ Com a possibilidade de adoção por casais homossexuais na França, em 2013, Sophie pôde estabelecer vínculo legal com sua mãe não biológica.

¹¹ Com a possibilidade de adoção por casais homossexuais na França, em 2013, Adèle pôde estabelecer vínculo legal com sua mãe não biológica.

Rose	FR Branca	28a	2 mães	PMA (França) e adoção ¹²
Raquel	BR Parda	32a	2 mães	2 mães - adoção
Juliette	FR Branca	45a	Mãe e pai / Mãe e companheiras	Mãe e pai biológicos

Um ponto importante a ser esclarecido diz respeito à proposição do trabalho em ambos os países. Embora a comparação entre Brasil e França tenha sido inevitável em alguns momentos, a proposta não foi realizar um estudo comparativo clássico. No entanto, pretendemos “pensar como a ferramenta da comparação pode ser utilizada como mecanismo de desnaturalização de práticas e pré-noções no cotidiano da pesquisa”, conforme propõe Nardi (2008, p. 12).

Mães e filhas/os nas trilhas da (homo)sexualidade: o dispositivo da sexualidade operando

Não precisamos dar ênfase à sexualidade de pais e mães para falarmos de parentalidade - desde que ela seja heteronormativa. Isso porque estamos inseridos/as numa sociedade onde o sexo fala mais da pessoa do que ela própria (FOUCAULT, 1988). Essas/es filhas/os são atravessadas/os ao longo da vida pela (homo)sexualidade de suas mães, são lembradas/os disso constantemente e essa lembrança exige que se posicionem em relação a seus desejos sexuais e afetivos. Utilizar o dispositivo da sexualidade pode significar iluminar as diferentes formas como a homossexualidade de uma geração atravessa outra, e como está presente no cotidiano parental.

Dentre as/os treze entrevistadas/os, as francesas Adèle, Sophie, Marion, Juliette, Rose e as/o brasileiras/o Raquel, Carlos, Carla, Bruna e Betina relataram que já tiveram

¹² Com a possibilidade de adoção por casais homossexuais na França, em 2013, Rose pôde estabelecer vínculo legal com sua mãe não biológica.

experiência e/ou atração sexual e/ou relacionamento com pessoas do mesmo sexo, e/ou que podem vir a ter. Marion, Rose, Juliette e Raquel vivem com seus companheiros ou são casadas com seus maridos, Carla e Betina têm namorados e Adèle e Bruna, Carlos e Sophie não estão em nenhum relacionamento no momento. Adèle e Bruna só relataram ter tido relacionamentos heterossexuais, mas afirmam que nada as impede de virem a ter relacionamentos fora da heterossexualidade. Carlos transita entre práticas homo e heterossexuais e Sophie diz que: “me apaixono por pessoas e não pelo gênero”.

Ana, Livia e Mathias nada mencionaram sobre desejos ou experiências homossexuais. Ana disse que estava interessada em um menino de sua escola. Livia namora um rapaz desde 17 anos de idade. Mathias afirmou nunca ter tido dúvidas: “eu sempre tive certeza, entre aspas, de mim. Eu sou heterossexual”.

Apesar das distinções relacionadas às práticas e desejos sexuais, quase todas/os entrevistadas/os vivem práticas ou desejos heterossexuais ou já viveram ao longo de suas vidas, apesar de não darem destaque à nomenclatura heterossexual, e se mostrarem abertos a possibilidades caso surja desejo para tal. As exceções são Mathias, Livia e Ana. Sophie, por sua vez, é a única que se define como pansexual: “eu descobri ser pansexual”.

Adèle conta como respondeu à pergunta que lhe fizeram, durante um depoimento prestado, sobre ser heterossexual ou não: “eu sou, mas e se eu ficar amanhã com uma mulher?”. Ela ri enquanto expressa seu estranhamento com esse tipo de pergunta, ciente de que, no imaginário social, confirmar que vai tudo bem com ela, enquanto filha de lésbicas, inclui garantir que é heterossexual.

Por que tanto interesse pela sexualidade de filhas/os de lésbicas? A sexualidade diz muito da própria pessoa quando é pensada enquanto dispositivo de saber-poder. Adèle, filha de lésbicas e militante pela causa LGBT, sabe da importância dos testemunhos de filhas/os na luta para aquisição de direitos, por isso, sempre que tem oportunidade aceita convites para contar sua história. Mas sabe que o interesse pela sua

orientação sexual está a serviço de um jogo que objetiva regular a sexualidade, indicar “boas” formas de vivê-la, sendo essas prescritas por redes de saber-poder.

Foucault (1988) vai propor um olhar sobre as verdades e saberes do sexo, os quais integram um dispositivo de controle, cuja relação não se faz somente com a lei ou com a repressão, e sim com o poder. Dispositivo entendido aqui como:

Um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas (FOUCAULT, 1979, p.244).

O dispositivo da sexualidade se apresenta como uma estratégia potente e perversa não de repressão, mas de gerenciamento e controle da produção dos corpos, subjetividades e populações. Potente porque o poder avança cada vez mais fundo sobre os modos de existência; perverso porque produz formas de experimentação e de vivência da sexualidade como ilegítimas, não para as exterminar totalmente, mas, sim, para a manutenção das relações de poder (CASSAL; GARCIA; BICALHO, 2011, p. 466).

Assim, Adèle tem consciência de que para ser vista como “alguém que deu certo”, enquanto filha de lésbica, deve ter desejos heterossexuais. É desta forma que o dispositivo age, ele “raramente proíbe ou nega, antes controla e produz verdades moldando subjetividades” (PELÚCIO; MISKOLCI, 2009, p. 130).

Nas trilhas percorridas por nossas entrevistadas/os, observou-se que não trataram com preocupação as vivências ou possíveis vivências homossexuais que tiveram ou possam vir a ter. Juliette diz: “eu poderia ser lésbica, mesmo hoje, hoje eu vivo com um homem, nada pode dizer que amanhã eu não poderia viver com uma mulher e eu realmente fui criada desse jeito”. Marion conta: “eu tentei com garotas e garotos”. Rose está casada com um homem, mas aponta que poderia ser com uma mulher:

na adolescência, me sentia atraída pelos dois sexos, não foi um problema para mim. [...] É isso, eu poderia construir minha vida com um homem ou com uma mulher [...]. Hoje sou casada com um homem, costumo dizer a ele: “você poderia ser uma mulher, eu casaria com você, porém é você que eu amo”.

Carla, Betina e Bruna só se relacionaram com rapazes. Apesar de não manifestarem desejo por mulheres, não se mostraram fechadas à possibilidade. Ao ser perguntada se a relação com uma outra mulher era uma possibilidade, Bruna responde: “lógico [...] é uma possibilidade. [...] Assim... nunca tive vontade. Se um dia eu tiver, com certeza vou ficar, mas ainda não apareceu uma mulher que eu queira ficar, entendeu?”. Betina, por sua vez, relata: “eu nunca senti nada [por outra mulher], mas [...] eu sou hoje e a gente não sabe o dia de amanhã, vai que, né? Não dá pra falar ‘nunca seria’.

Carlos não namora no momento, mostra-se aberto às experiências com ambos os gêneros, mas seu relacionamento mais longo foi com uma mulher. Raquel casou-se duas vezes, ambas com homens. Tanto Carlos quanto Raquel relataram experiências com pessoas do mesmo gênero. No caso de Raquel, criada por duas mães e habituada a conviver com tias bissexuais e lésbicas dentro de casa, a experiência homossexual vivida por ela própria foi juntamente com seu companheiro e para satisfazer um desejo dele: “eu até tive essa experiência, mas com um homem envolvido. Na minha concepção foi muito mais um desejo para satisfazê-lo do que algo... pra mim tudo bem, mas não me diz nada afetivamente, não repetiria e nem tenho vontade de viver...”. Carlos conta com muita tranquilidade que está numa fase de experimentar mesmo: “é tranquilo (gargalha), eu não sei, eu não tenho problema em pegar ninguém, [...]” (ri).

Não queremos dizer com a apresentação de tais relatos que o assunto sexualidade seja banal para elas/eles, pois carrega uma série de exigências sociais, principalmente tratando-se de pessoas criadas por mães lésbicas. Contudo, sugerem

abertura em relação ao tema, talvez uma não submissão total aos moldes exigidos, indicando, assim, concordância com inúmeros estudos já realizados.

De acordo com Golombok e Tasker (1996), em estudo com 25 filhas/os com idade média de 23,5 anos criadas/os em famílias lésbicas e 21 criadas/os em famílias heterossexuais, uma maior proporção de adultas/os jovens de famílias lésbicas, em comparação a famílias heterossexuais, relataram a possibilidade e o envolvimento em relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo, o que sugere uma associação entre o ambiente familiar na infância e possíveis envolvimento homossexuais. Segundo as autoras, através da demonstração de aceitação ou rejeição da homossexualidade dentro da família, as mães podem ter algum impacto sobre a experimentação sexual de suas/seus filhas/os. Consideram, também, não haver nenhuma evidência quanto às mães determinarem a orientação sexual das/os filhas/os. Stacey e Biblarz (2001) analisaram as interpretações de 21 estudos psicológicos realizados nos anos 1981 e 1998 e sugerem que esse tipo de ambiente familiar torna mais confortável para meninas adolescentes, com atração pelo mesmo sexo, explorar relações íntimas com seus pares.

O estudo de Bos e Sandfort, de 2010, comparou 63 crianças criadas em famílias de mães lésbicas a 68 criadas em famílias heteroparentais, todas com idades entre 8 e 12 anos, nos Países Baixos. Os resultados mostraram que crianças em famílias lésbicas são mais propensas a questionar o futuro envolvimento romântico heterossexual.

Gartrell, Bos e Goldberg (2011) sugerem que as filhas de mães lésbicas tendem a se envolver com pessoas do mesmo sexo e se identificarem como bissexuais. Foram avaliadas respostas de 78 adolescentes (39 meninas e 39 meninos) relacionadas à orientação sexual: 18,9% das adolescentes e 2,7% dos adolescentes se autoavaliaram no espectro bissexual e 0% das meninas e 5,4% dos meninos se classificaram como exclusivamente homossexuais. As autoras apontam que a autoidentificação das meninas está de acordo com Stacey e Biblarz (2001) sobre filhas de pais e mães gays e lésbicas serem mais abertas à exploração homoerótica.

A aceitação ou não por parte de mães ou pais não vai determinar que filhas/os se lancem ou não em experiências diversas, mas pode marcar a forma como possam vir a ser vividas, de maneira mais, ou menos, livre e tranquila, uma vez que haveria aceitação, ou, pelo menos, não haveria perspectiva de reprovação.

Bruna relata a possibilidade de sua mãe acolher, caso venha a se relacionar com outra mulher: “ah! com certeza [minha mãe aceitaria]. Seria muito mais fácil. A minha mãe, já houve esse assunto, [...] e não tem nem como ela não aceitar. Minha família também ia abraçar”. Bruna foi criada por sua mãe e suas companheiras. Com uma delas, em especial, manteve convivência durante os doze primeiros anos de sua vida. Além disso, cresceu convivendo com tias e avó que tiveram relacionamentos lésbicos.

A maioria das/os entrevistadas/os também relatou perceber que não encontraria problema em compartilhar com sua família o fato de se relacionar com alguém do mesmo gênero. Para Carla, ter pais gays ou mães lésbicas significa que existe a possibilidade de namorar pessoas do mesmo gênero. No momento da entrevista, Carla estava namorando um rapaz havia alguns meses. Ela não mencionou desejo por outra mulher, mas acredita que seria bem aceita por sua mãe e por sua madrinha, caso acontecesse: “se você for gay, e tiver mães ou pais gays, é engraçado você pensar porque é mais aceito por eles, você tem a possibilidade de poder namorar com pessoas do mesmo sexo”.

Mães lésbicas e pais gays compõem a trama do dispositivo da sexualidade, sendo capturados de forma a reforçar uma lógica normativa pelas famílias não hegemônicas, ao mesmo tempo que abrem brechas que apontam para o novo.

Rose expressa não ter percebido preocupação explícita ou implícita por parte de sua mãe ou de sua madrinha em relação à sua orientação sexual: “é igual, na verdade, seja homo ou hetero, não tem importância”. Adèle e Sophie, irmãs, também não perceberam qualquer tipo de mensagem no que diz respeito ao direcionamento da sexualidade.

Assim sendo, segundo as/os filhas/os, não houve relato de pressão, explícita ou sutil, por parte das mães para que correspondessem a uma determinada orientação sexual, seja homo ou heterossexual. Sophie exemplifica: “na verdade, é uma possibilidade que existe e que é normal de fato. Tenho certeza que em um casal hetero não necessariamente se fala sobre [homossexualidade] [...]. Enquanto num casal homo, mesmo que não se fale necessariamente, existe aos olhos da criança de fato”.

Tanto a abertura quanto a preocupação das mães são certamente captadas pelas/os filhas/os, sejam crianças ou adolescentes. Olhemos um pouco mais para essa construção das maternidades.

A maternidade como dispositivo

Uma vez que o dispositivo da maternidade se ocupa das distintas modalidades maternas, maternidades lésbicas entre elas, coloca em jogo a produção de um sujeito-mãe moldado pelas práticas contínuas de maternização (MARCELLO, 2014). Na trama das relações mães, filhas/os e heteronormatividade, como o dispositivo maternidade seria acionado na família homoparental?

Conforme apontado, quase como um discurso hegemônico, até aqui dominou a percepção de filhas/os de uma postura mais liberal, por parte de suas mães, no tocante à sexualidade delas/es. Marion, por sua vez, comenta: “não na minha casa” (ri). O comentário de Marion aponta para um tensionamento da questão, uma vez que ter mãe lésbica pode não significar uma criação que aponte necessariamente para uma abertura no exercício da sexualidade, e nessa reticência podem estar embutidas inquietações maternas, que remetem a possíveis efeitos e repercussões da orientação sexual das/os filhas/os na sociedade.

Mathias, por seu turno, além de relatar a certeza do acolhimento de sua mãe caso fosse gay, apontou a preocupação dela em relação aos percalços pelos quais ele passaria:

ela me disse que se eu fosse homossexual, ela não me rejeitaria. A única coisa é que seria duro para mim [...]. Se eu tivesse tido dúvida seria mais fácil para mim, para falar, ela conhece, [...] eu estaria tranquilo quanto a isso. Eu não precisei falar, mas eu sabia, no fundo de mim, que se eu precisasse, eu poderia.

Podemos estranhar esse comentário de Matheus sobre sua mãe, sendo ela própria lésbica e atuante em associação de pais e mães homossexuais. Contudo, face às exigências heteronormativas, podemos pensar que estariam presentes nas narrativas de Mathias e de Marion: preocupações com possível sofrimento da/o filha/o, sendo lésbica ou gay; a vontade de serem vistas como mães normais, através da/o filha/o que reproduz as exigências heteronormativas; e, ainda, certa obrigatoriedade enquanto mães lésbicas de aceitarem suas/seus filhas/os lésbicas e gays, apontando, assim, para a existência de uma rede de elementos que, acionada, mobiliza “todo um aparelho para produzir um discurso ‘verdadeiro’ e regulamentado” (GUIMARÃES, 2004, p. 37). Esse amor incondicional a elas atribuído constitui o dispositivo da maternidade.

Raquel relata o orgulho das mães ao apontarem algumas das qualidades da filha, entre elas, a de gostar de homem:

a mãe Luana fala assim: “, minha filha estudou, minha filha gosta de homem”. Acho que ela levou esse peso assim: “eu sou gay, eu tenho que fazer de tudo” ou “a Raquel não é gay, isso é mérito da minha boa educação”. Aí eu faço uma intervenção: “você não é uma mãe pior porque você é gay”.

Raquel cresceu num ambiente em que a convivência amorosa entre suas tias e as namoradas era algo explícito, elas transitavam juntas no dia-a-dia, em festas familiares, não havia a intenção de esconder as manifestações de carinho entre elas. Aprendeu “o que é normal sem ser ensinada”, aprendeu vendo, segundo suas palavras. Contudo, suas mães, apesar de dividirem a mesma cama, não demonstravam afeto entre elas, não

circulavam como casal, não falavam sobre o assunto e se orgulhavam de uma criação que deu certo, resultando na filha que estudou, se formou e que gosta de homens.

No relato de Raquel: “acho que ela levou esse peso assim, ‘eu sou gay, eu tenho que fazer de tudo’”. Mas o que seria fazer de tudo? Por onde passa a tentativa de que tudo dê certo na criação de uma/um filha/o? Quais esforços são feitos? Como tais esforços são percebidos pelas/os filhas/os? No “fazer de tudo” da mãe de Raquel estão incluídos, principalmente, estudo e orientação sexual. Todas essas questões fazem falar “um assunto do qual não se fala” (GUIMARÃES, 2004, p. 33), assim como produz e organiza sujeitos-mãe, incorporação dos dispositivos.

As/os filhas/os são, de certo modo, uma vitrine através da qual mães e pais podem ser vistas/os. A maneira como são percebidas/os pode ser uma forma de julgamento pela sociedade, sobretudo em se tratando de mães lésbicas. Isadora, mãe¹³ lésbica francesa de um menino de 8 anos, esclareceu sobre a preocupação quanto à orientação sexual do filho: “então, eu não estou preocupada, a orientação sexual que ele quiser, mas... e isso é egoísta, seria mais conveniente que ele fosse heterossexual, porque dessa forma as pessoas não poderiam dizer que é nossa culpa (risos)”.

Em conversa com Claudia e Flávia¹⁴, mães brasileiras de dois gêmeos de 8 anos, uma delas relatou que talvez cobrem demais deles porque temem que sofram preconceito por serem filhos de duas mulheres: “A gente faz questão de deixar eles educados”. A preocupação de mães com o bem-estar de suas/seus filhas/os se mistura, muitas vezes, ao receio de que a sexualidade delas se sobreponha e, consequentemente, suas/seus filhas/os sejam lembradas como filhas/os de lésbicas.

A justificativa da proteção aparece como ponto importante nas narrativas de mães, e também na narrativa de certas/os filhas/os, quando se trata de explicar atitudes e

¹³ As entrevistas com mães não foram o foco da tese que deu origem ao presente texto, contudo, algumas conversas com mães lésbicas serviram de importante complemento.

¹⁴ Tal encontro se deu, no ano de 2010, quando da realização de pesquisa de mestrado, de uma das autoras, com mães lésbicas.

discursos maternos em relação ao que consideram relevante na criação. O que seria considerado pelas mães como perigoso para a vida das/os filhas/os? O que acaba por estar misturado ao que se pretende proteger? E quando proteção e cerceamento se confundem?

Em 2013, aproximadamente um milhão de pessoas protestaram nas ruas de Paris contra o então projeto de lei que permitiria que pessoas do mesmo sexo se casassem e adotassem. O coletivo *Manif pour tous*, que liderou as manifestações contrárias à aprovação do referido projeto de lei, de posição conservadora, foi o responsável por instigar o discurso a favor da família sacralizada e sustentada nas normas heterossexuais. Preciado (2013) questiona quem estaria, nesse caso, protegendo as crianças:

Quem defende os direitos da criança diferente? Os direitos do garotinho que gosta de usar rosa? A menininha que sonha em se casar com sua melhor amiga? Os direitos da criança queer, gay, lésbica, transexuais ou transgênero? Quem defende os direitos da criança de mudar de sexo se assim o desejar? Os direitos da criança à livre autodeterminação de gênero e sexualidade? Quem defende os direitos da criança a crescer em um mundo sem violência sexual nem de gênero? (tradução nossa).

Qual proteção oferecida pelos pais e mães? Qual proteção contra a violência de gênero e de sexualidade? A garantia da proteção para filhas/os e a reprodução de heteronormas se confundem e podem acabar por produzir pseudoproteção. Nascido e crescido numa família “exemplar”, na qual a natureza e a lei moral eram invocadas para justificar a exclusão, a violência e até a morte de homossexuais e transexuais, Preciado (2013) expõe os efeitos de um certo dever de proteger, parte do dispositivo materno, o qual permite que adultos naturalizem a norma e vulnerabilizem as crianças. A intenção da proteção e o tentar fazer dar certo podem expor filhas/os à desproteção e, por vezes, ao apagamento das singularidades. Isso pode ocorrer de maneira mais violenta ou nas sutilezas do dia-a-dia familiar.

É o incessante produzir materno que está em jogo no dispositivo da maternidade em ação. Espera-se que boas mães ajam de uma forma específica e a reprodução da heteronorma deve estar presente como resultado de uma boa criação. Quando se trata de maternidades lésbicas, a orientação sexual dessas mães é convocada com frequência, dando visibilidade às diferenças, vistas, no caso, como falhas.

O questionamento sobre se filhas/os de lésbicas serão homossexuais habita o imaginário social e essa expectativa acontece justamente pela configuração familiar à qual pertencem. Dificilmente filhas/os de casais heterossexuais serão interpeladas/os quanto a isso ou se colocarão a questão, pelo menos não de forma tão precoce como pode acontecer no contexto homoparental. Em estudo de Garcia, Wolf, Oliveira, Souza, Gonçalves e Oliveira (2007), 10 mães lésbicas, pertencentes às camadas médias da população brasileira relataram seus receios de que suas/seus filhas/os fossem homossexuais. Uma delas disse que não gostaria que seu filho fosse gay porque ele iria sofrer muito e, com isso, ela também. Outra entrevistada relatou que não ficaria revoltada se seu filho se dissesse gay, mas que ele deveria ter consciência de que não seria fácil. Os/as autores/as relacionam tais afirmações ao próprio preconceito que as mães já enfrentaram, fazendo com que desejem “normalidade”.

Mathias conta, na direção do que Garcia et al. (2007) apontaram, que sua mãe conhece o que é o olhar crítico da sociedade: “porque é verdade, ela me disse que é duro em relação às pessoas que te olham na rua, em relação às críticas dos outros. Isso é apenas o que ela não deseja que eu viva. Pra minha mãe, se eu sou hetero ou gay, não é a questão principal. A questão principal é que eu seja feliz”. Marion cita o que já ouviu de sua mãe: “espero que você não seja lésbica porque eu não quero que você repita o caminho da família, o percurso familiar... mas se você é lésbica, você é lésbica”. Marion acha que suas mães talvez temessem alguma transmissão da homossexualidade e continua:

de qualquer forma, eu não sou. Eu tinha uma amiga quando era pequena, eu pensava que estava apaixonada por ela, quando estava no ensino médio...

minhas mães não me impediram de viver minha sexualidade, elas expressaram seus pontos de vista: “se você não é [lésbica], é melhor.

Mathias e Marion encaram as colocações de suas mães como observações e preocupações, não como restrições. Assim, aliado ao desejo materno de proteção, observa-se, através das citações, o fato de a homossexualidade de uma/um filha/o poder ser considerada como responsabilidade das mães, indicando, dentro das normas hetero, que falharam em suas funções.

Diante disso, que qualidade tem a maternidade daquelas que dão suporte a suas/seus filhas/os homossexuais? Serão rechaçadas, condenadas? Serão entendidas como boas mães porque, apesar de equivocadas, protegem a prole?

Segundo Carlos e Juliette, as preocupações maternas e a forma de protegê-los não passaram pelo controle da sexualidade. Carlos diz: “vou sofrer mais se eu me reprimir. E a minha mãe tem essa consciência de que deve ser muito mais difícil você ficar no armário do que sendo feliz e [mesmo] tomando aqui uma porrada, de gente que nem interessa, sabe?”. Juliette comenta:

as lésbicas de hoje paradoxalmente se tornaram muito normativas. É o que dizia minha mãe. É como se elas quisessem proteger seus filhos do futuro [...]. Minha mãe sempre disse: “seja livre, se realize, viva”. É uma educação muito aberta, nada conservadora [...]. Minha mãe me criou assim, se a gente usava droga, minha mãe me dizia: “ouça, querida, se você quer fumar maconha, a gente fuma junta, porque assim você verá o efeito”. É para te dar um pouco da imagem, quer dizer, eu fui criada assim: “sua vida pertence a você, cabe a você experimentá-la, mas atenção, existem coisas perigosas”, mas nunca em relação à orientação sexual.

Pode ser que a pergunta “minha/meu filha/o vai ser lésbica/gay?” seja colocada de maneira mais frequente ou mais antecipada pelas mães lésbicas do que por pais e mães heterossexuais. Contudo, mesmo nos casos em que essa questão não é observada, outros temores e aflições maternas surgem. Onde se faz exercer a norma, além do campo da orientação sexual? As expectativas sociais e das mães seriam maiores quando

a maternidade não é hegemônica, quando pais e mães não são heterossexuais ou formam um casal inter-racial ou são mais velhos, ou formam uma família monoparental?

Quando Carlos imaginou o motivo pelo qual sua mãe se sentiu aliviada por ele ter entrado na universidade, ele supôs que a cobrança social poderia ser aumentada pelo fato de ela ser lésbica:

deve pesar pra ela, imagina o que os outros diriam sobre ela se o filho de duas lésbicas acabasse, sei lá, sem fazer uma faculdade, sem fazer nada da vida? Entendeu? Acho que ela podia ter esse medo também, de falhar, que pra mim, isso não passa na minha cabeça.

As normas se fizeram exercer na relação mães e filhas/os através, também, da exigência de estudos, o que faria parte das práticas de maternização:

O que está em jogo, nesses locais de visibilidade e de enunciação de nosso tempo, é o incessante produzir materno. Ou seja, tanto quanto fixar o sujeito-mãe neste ou naquele discurso que o tornou objeto, trata-se de constituir, em torno das formas de visibilidade e enunciação (dos sujeitos, das modalidades maternas), práticas sempre contínuas de maternização (MARCELLO, 2004, p. 202).

Filhas/os entrevistadas/os descreveram suas famílias como tendo lhes transmitido abertura na forma de ver o mundo e no convívio com as diferenças. A reprodução das normas esteve presente, mas ocorreu, segundo relatos, para além da necessidade de corresponderem à orientação heterossexual. Mas como apareceu em seus discursos a questão da transmissibilidade da homossexualidade, ideia que habita o imaginário social?

O contágio é de ideias, não se trata de transmissão da homossexualidade

Um dos grandes argumentos daqueles que se opõem à família homoparental diz respeito à possibilidade de gays e lésbicas gerarem e/ou criarem filhas/os homossexuais. Apesar de sugerir um medo tão conservador e antigo, tal argumento parece habitar ainda

o imaginário sobre a transmissão da homossexualidade. Embora tenha sido retirada da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID) como patologia, permaneceu na CID 10 com a classificação F66.1, orientação sexual egodistônica, durante muitos anos. Finalmente, com a publicação recente da CID 11 foi retirada qualquer menção à orientação sexual. Contudo, continua sendo vista como doença por alguns, os quais buscam suas causas e curas.

A prática da “cura” da homossexualidade persiste no Brasil. A chamada terapia de reorientação sexual ou terapia de conversão visa reorientar o indivíduo para a heterossexualidade apesar do Conselho Federal de Psicologia (CFP) estabelecer regras quanto a isso. A Resolução nº 01/1999 veta que profissionais da Psicologia direcionem suas atividades no sentido da patologização de práticas homossexuais, proibindo ações que orientem gays e lésbicas para tratamentos não solicitados.

A pesquisa aqui apresentada se soma a inúmeros estudos desenvolvidos sobre o tema, e já citados acima, que indicam a não correspondência entre mães lésbicas e filhas/os homossexuais. De acordo com o levantamento de estudos realizado por Vecho e Schneider (2005), 85% das pesquisas publicadas até 2003 verificaram uma proporção de filhas/os com orientação homossexual semelhante à encontrada na população geral, isto é, entre 0 a 10%. Entretanto, levando em conta os efeitos da heteronormatividade, o assunto merece discussão. Mães lésbicas não “produzem” mais filhas/os lésbicas ou gays do que as famílias heteroparentais. O que está presente na construção desses temores e preocupações? Ainda a transmissão?

Mas o temor da transmissão da homossexualidade ou o medo de serem vistas/os como gays ou lésbicas são questões para filhas/os de mães lésbicas? O que restaria de homossexualidade quando se trata de filhas/os de famílias lesboparentais?

Bruna relata o seguinte sobre um professor:

tinha um professor no pré-vestibular que sempre puxava esse tema, se iam me influenciar. E, nossa! Muita gente falava que sim. [...] fiquei chocada, eu nem

imaginava que tinham esse pensamento. Não é possível, isso não existe, cara, porque senão nenhum gay que tem pai homofóbico seria gay.

Famílias homoparentais podem proporcionar um ambiente mais favorável, demonstrando menos repressão à experimentação da sexualidade de filhas/os, conforme já apontado. No entanto, isso não significa que filhas/os se identificariam como homossexuais. Filhas/os podem se contagiar de homossexualidade, o que as/os fazem mais plurais nas suas formas de ser, mas não, necessariamente, homossexuais.

Bruna procura mostrar através de seu exemplo de vida que seus colegas e professor não estão certos:

pra eles influencia porque [são] duas mulheres, os filhos vão crescer achando que isso é normal, e pra eles não é normal. [...] Mesmo falando [sobre a minha experiência], não mudavam de opinião.

Bruna argumenta como se quisesse convencê-los de que não é algo transmissível. Segundo as colocações das/os colegas, as/os filhas/os teriam os exemplos das mães e, assim, achariam que a relação entre pessoas do mesmo gênero seria aceitável, o que possibilitaria que seguissem pelo mesmo caminho.

Juliette, por sua vez, relata o alívio de sua madrasta: “meu pai tinha medo disso [de Juliette ser lésbica]. [...] Quando eu comecei a ter namorados minha madrasta me disse: ‘nós nos tranquilizamos... você não será como sua mãe’”.

Corre-se o risco de cometer distorções e simplificações ao se tratar da linha tênue existente entre a abertura proporcionada por mães lésbicas para a vivência da homossexualidade, que entendemos aqui como contágio, encontrada em estudos e relatos das/os filhas/os, e a visão de que a homossexualidade seria transmitida de mães para filhas/os. Mas o tema da transmissão pode se fazer presente nas relações sociais de filhas e filhos de mães lésbicas, não necessariamente como temor, mas devido ao olhar crítico lançado pela sociedade. Bruna comenta:

[...] não vou falar que eu fico acanhada de falar que a minha família tem essas tias, avós assim [lésbicas], pras pessoas é muito diferente uma velhinha, né, com outra, por exemplo. Sobre a minha mãe eu falo mais abertamente, tipo: “a minha mãe realmente só se relaciona com mulher”. Se eu falo da minha vó, eu até falo: “minha vó foi casada com outra mulher”, mas as pessoas já olham assim: “caraca, a avó é, a mãe é, ela não vai ser?”.

Mathias, relata:

olha, para mim, minha mãe, ela é homossexual, eu sou heterossexual, e os pais da minha mãe são hetero. A homossexualidade não é uma coisa transmissível, não está no gene. Além disso, é verdade que a minha mãe se relaciona com mulheres, eu, graças à Associação¹⁵ conheci muitos homossexuais, não é por isso que me tornarei homo.

Sophie teme que relacionassem sua sexualidade à lesbianidade das mães:

eu acho que sabia mais ou menos que era pan, mas que não aceitei porque tinha medo que me dissessem que era por causa das minhas mães. Porque, bem, a ideia de que mães lésbicas terão filhas lésbicas [...]. Inconscientemente eu me dizia: “não, não é possível, você não pode gostar das meninas, bem, suas mães gostam de garotas, então, não pode ser” [...]. Como a ideia de que vamos degenerar ou não sei que estupidez... Agora eu aceitei completamente quem eu sou, estou bem. [...]. Mas eu não acho que foi realmente um conflito, foi mais que eu decidi que não (risos). [...] eu estava um pouco na negação.

Sophie deixa claro que a questão se colocou a partir da possibilidade de confirmar uma ideia difundida socialmente, e não que ela própria fizesse tal relação de transmissibilidade: “não... de fato, a relação que fiz é, acima de tudo, com a ideia que a sociedade tem disso. Pessoalmente, sei que não é o caso. Não há nenhuma influência. É quase a ideia estereotipada de que todas as pessoas são hetero...”. Sophie diz que se apaixona pelas pessoas, não pelo gênero: “um pouco como bi na verdade, apenas uma definição mais fora do gênero”. O uso da expressão pansexual é mais frequente entre jovens e parte do movimento em prol de uma sexualidade plural e não-identitária. Talvez Sophie tenha encontrado sentido em seu uso para além de uma denominação mais ampla, tendo como objetivo estabelecer uma diferença em relação às mães.

¹⁵ *Association des familles homoparentales (ADFH).*

Os dispositivos da sexualidade e da maternidade enredam todos e todas, mas nesse entrecruzar dos dispositivos despontam exemplos de formas de contágios narradas pelas/os participantes, assim como a não transmissão da homossexualidade. Juliette diz:

eu cresci de uma forma que não importa entre aspas o sexo, o que importa é amar alguém. Então minha mãe me transmitiu isso. Eu poderia ter sido lésbica e, mesmo hoje, eu vivo com um homem e nada pode dizer que amanhã eu não estarei com uma mulher. E eu realmente me construí assim, meus filhos, eu os criei assim, meu marido também [...] para mim, minha orientação sexual ficou rapidamente evidente, entre aspas, em direção à heterossexualidade.

Juliette diz ter recebido de sua mãe ensinamentos a respeito da importância do amor, não sendo relevante a orientação sexual da pessoa, o que buscou transmitir para seus 3 filhos: “o amor é uma coisa mágica, mas quando você aprende a amar, quer dizer, aceitar o outro em sua diferença, sua independência, e isso eu acho que ela me transmitiu”.

A abertura relatada nas entrevistas não foi apenas relacionada à vivência e orientação sexual, mas à visão de mundo ampliado no que diz respeito também à religião e cor da pele, o que aponta para o que estamos chamando de contágio na relação mães-filhas/os. A vivência num ambiente familiar menos preconceituoso contagia com a abertura para experiências múltiplas, sendo a da sexualidade uma delas.

As mães são mulheres que, de certa forma, já subverteram as normas e levaram adiante seus desejos sexuais e parentais, o que poderia proporcionar que criassem suas/seus filhas/os de forma menos enquadrada nos moldes tradicionais. Além disso, por serem lésbicas, ofereceram um outro modelo de relação possível.

Os relatos de Rose, Mathias e Juliette, abaixo, remetem a um alargamento não somente quanto à sexualidade, mas também quanto à diversidade religiosa e racial:

Rose - [...] eu me acho sortuda de fato, ter a sorte de ter essa família tão diferente. [...] É sempre uma abertura da mente, outra maneira de ver as coisas, é uma riqueza [...]. Quando eu ia na casa dos amigos, eu me dizia que

eu tive essa sorte... porque eu tinha uma riqueza de coisas que eu não veria jamais, certamente. [...] [Uma abertura] de maneira geral, uma tolerância [...] ela [madrinha] me dava conselhos, ela me dizia: “não dê atenção aos racistas, faça sua vida, seja feliz, não se deixe ferir por bobagens”, coisas desse tipo.

Mathias - Eu acho que especialmente o fato da minha mãe ser homossexual é que me ajudou a abrir minha mente, me deu uma noção da diferença. Minha mãe é homossexual, por outro lado conheço muita gente que é heterossexual, então isso me trouxe uma certa abertura. Eu acho que funciona sobretudo trazendo coisas positivas. Porque vejo a diferença que tem minha mãe, posso transpor para outras diferenças. Minha mãe é homossexual, ela tem o direito de ser feliz. Alguém que tenha uma cor diferente tem o direito de ser feliz, alguém com uma religião diferente tem o direito de ser feliz [...].

Juliette relata o ambiente em que foi criada, repleto de bonitos jovens gays, mas que, em princípio, não se interessariam por ela:

Eu realmente fui criada num universo muito homossexual [...]. Meu problema nessa idade era: “como são bonitos [os rapazes gays], e que merda!” (risos). Quando a gente tem 14 anos e quando a gente vê aqueles rapazes! [...]. Mas eu adorava esse pessoal... adoro o que me transmitiram em termos de tolerância [...]. Mesmo para os meus filhos [lhes transmito que] o que importa é que você goste de alguém, seja homem, mulher, branco, preto, verde, jovem...

Juliette tem três filhos (8, 14 e 17 anos) e conta um pouco de sua relação com eles e como a liberdade e abertura apreendidos na relação com sua mãe transparecem na relação com seus filhos:

O menor, de 8 anos, todos o chamam como se diz na Itália, *la senhorina*. Ele tem cabelos compridos, usa roupas com brilhos, porque nós nos recusamos a lhe impor algo, nós o deixamos ser. Obviamente em relação à escola, ficamos atentos [...] de maneira geral dizemos: “se acontecer algum problema, nos diga”. Ele sabe que sua avó é homossexual. Ele me disse: “então, podemos mudar de sexo?”. Ao mesmo tempo, o de 17 anos, que é muito próximo da minha mãe, e minha mãe de fato lhe explicou sobre a importância do clitóris pra mulher, etc., ele me disse: “eu vou agradecer a minha avó”. Ele falou: “meus amigos não sabiam sobre o clitóris, eles não sabiam sobre todas essas coisas”. Você vê, o do meio, de 14 anos, muito próximo de sua avó também, hoje se coloca como um protetor do pequeno. Ele diz: “mamãe, ele é feminino, mas não importa, nós o defendemos, não se preocupe”, é isso [...].

Atravessando gerações, os “ensinamentos” da mãe de Juliette se perpetuaram e se expandiram para além da relação mãe-filha, para o vínculo avó-netos. De um modo geral, assuntos relacionados à sexualidade não são tratados entre avós e netas/os, como se houvesse uma barreira a não ser transpassada. O mais costumeiro é que adultas/os cumpram papel repressor em relação à sexualidade de filhas/os e netas/os e dentro de certos moldes. Contudo, pode ser observado, através dos relatos, as brechas abertas nas relações familiares em que a sexualidade pôde ser tratada para além da função reprodutiva, heterossexual e adulta, na busca de prazer de um adolescente incentivado por sua avó lésbica de 71 anos, na liberdade de uma criança de 8 anos de se vestir como deseja. Não queremos dizer com isso que essa família esteja fora da teia dos dispositivos da sexualidade e da maternidade, mas que fornece novos elementos para sua composição, talvez menos óbvios e mais alargados.

Conforme observado, as/os filhas/os entrevistadas/os relataram sentir maior abertura e aceitação por parte de suas mães para suas vivências relacionadas à sexualidade, sem mencionarem ter havido estímulo ou direcionamento. Um contágio da diversidade e pluralidade. Não aparecendo nos relatos o grande temor de boa parte da sociedade, a transmissão da homossexualidade.

Considerações finais

Ao longo do trabalho, foram relatadas experiências do cotidiano de famílias lesboparentais no que tange à vivência da sexualidade de filhas/os. As especificidades dessas configurações se originam na prática sexual e nos relacionamentos afetivos de mães lésbicas e se desdobram na vida das/os filhas/os, em sociedades heterocentradas. Através da homossexualidade, a sexualidade se faz presente, de maneira específica, na cena familiar e o extraordinário de uma família não hegemônica se traduz nas tensões entre transmissão e contágio da homossexualidade.

Envolvidos na rede familiar, essas/es filhas/os se veem enredadas/os de formas particulares também em suas sexualidades. Se suas mães são constantemente questionadas, não por sua prática sexual e/ou afetiva em si, mas pelo que elas representam ou podem gerar, suas/seus filhas/os também acabam por ser colocadas/os neste lugar desviante ou, pelo menos, de suspeita. Mães e filhas/os estão envolvidas/os numa mesma história, sim, mas de formas distintas.

Sendo assim, os dois dispositivos que se entrelaçam foram evocados para pensarmos os temas em questão, o da sexualidade e o da maternidade. O primeiro porque as/os filhas/os aqui abordadas/os vivem referenciadas/os à homossexualidade de suas mães, o que acaba por atravessar constantemente suas vidas fazendo com que fiquem às voltas com a suspeita de que repitam a história das mães, ou seja, sejam também homossexuais. O segundo porque “se ocupa em fazer ver e dizer diferentes modalidades maternas”, além de “fazer e dizer uma maternidade hegemônica” (MARCELLO, 2014, p. 202), o que acaba por enredar também a maternidade lésbica numa certa norma, ainda que tal maternidade não seja considerada hegemônica.

Assim sendo, observou-se uma maior abertura por parte das/os filhas/os na forma de enxergar e vivenciar a sexualidade. Quase todas/os as/os entrevistadas/os relataram que: ou já se sentiram atraídas/os, ou já se envolveram com outra pessoa do mesmo gênero, ou disseram que tal envolvimento seria algo possível. Contudo, a grande maioria está vivendo, no momento, uma relação heterossexual, diz ser heterossexual atualmente, mas que o futuro está em aberto.

Aos olhos das/os filhas/os ouvidas/os há um ambiente familiar de maior aceitação da experimentação da sexualidade em sua pluralidade, ainda que convivam com preocupações das mães em protegê-las/os de discriminações. Estas preocupações estão inseridas no contexto de elas serem, possivelmente, mais cobradas quanto ao que é esperado de um exercício adequado da maternidade; acabando por sobrepor a homossexualidade à maternidade, no caso de falhas no que é considerado uma boa

criação. Evidenciando, assim, a ação do dispositivo da maternidade nas famílias em questão.

Observou-se também que a ideia de transmissão da homossexualidade foi completamente rechaçada pelas filhas/os entrevistadas/os, posição essa que reforça o que inúmeros estudos já apontavam. As mães não transmitem a homossexualidade às/aos filhas/s, até porque a orientação sexual de uma pessoa é forjada numa complexidade de eventos, vivências e desejos. As mães as/os contagiam, sim, com maior abertura na maneira de ver o mundo.

Apontar que as experiências sexuais e/ou afetivas vividas fora da heterossexualidade não são recriminadas já indica a distinção dessas famílias do que se entende como comum. Será que já estamos preparados/as para aceitar que distinções não significam insuficiência em relação à família tida como modelo? A igualdade entre as famílias foi muito defendida ao longo dos anos e apontar especificidades seria arriscado, mesmo ousado, mas, certamente, potente.

Afirmar diferenças entre as diversas famílias não significa hierarquizá-las ou buscar falhas ou faltas, mas pensar em que as singularidades promovem o contágio e na potência deste que, no caso, é promover uma geração que olha diferente para seu corpo, seu desejo, e rechaça cada vez o preconceito em diversas esferas.

Enfim, nosso trabalho sugere que essas/esses filhas/os foram contagiadas/os, sim, por suas mães. Porém, contagiadas/os com olhar múltiplo para a diversidade. Foi-lhes transmitido abertura para enxergarem multiplicidades de formas de ser, mas não a homossexualidade, porque não é algo transmissível.

Referências

- BAILEY, J.; BOBROW, D.; WOLFE, M.; MIKACK, S. **Sexual orientation of adult sons of gay fathers**. *Developmental Psychology*, v. 31, n. 1, p. 124-129, 1995.
- BOS, H.; SANDFORT, T. **Children's Gender Identity in Lesbian and Heterosexual Two-Parent Families**. *Sex Roles*, n. 62, p. 114-126, 2010.
- CASSAL, L.; GARCIA, A.; BICALHO, P. **Psicologia e o dispositivo da sexualidade: biopolítica, identidades e processos de criminalização**. Psico, 2011. Disponível em: file:///C:/Users/mfort/Downloads/admin,+Psi+v42n4+-+06+-+final+novο.pdf. Acesso em 1 maio 2023
- FERREIRA, A. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- FONSECA, C. **Sexualidade, família e legalidade: questionando fronteiras**. In: ÁVILA, M.; PORTELLA, A.; FERREIRA, V. *Novas legalidades e democratizações da vida social: família, sexualidade e aborto*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005, p. 53-63.
- AUTOR
- FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- FOUCAULT, M. **História da Sexualidade 1: A vontade de saber**. São Paulo: Graal, 1988.
- FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.
- GARCIA, M.; WOLF, A.; OLIVEIRA, E.; SOUZA, J.; GONÇALVES, L.; OLIVEIRA, M. **"Não podemos falhar": a busca pela normalidade em famílias homoparentais**. In: GROSSI; UZIEL; MELLO. *Conjugualidades, parentalidades e identidades lésbicas, gays e travestis*. Rio de Janeiro: Garamond, 2007, p. 277-299.
- GARTRELL, N.; BOSS, H; GOLDBERG, N. **Adolescents of the U.S. National Longitudinal Lesbian Family Study: Sexual Orientation, Sexual Behavior, and Sexual Risk Exposure**. *Arch Sex Behav*, v. 40, p. 1199-1209, 2011.
- GOLOMBOK, S.; SPENCER, A.; RUTTER, M. **Children in lesbian and singleparent households: psychosexual and psychiatry appraisal**. *J. Child Psychology Psychiatry*, v. 24, n. 4, p. 551-572, 1983.
- GOLOMBOK, S.; TASKER, F. **Do Parents Influence the Sexual Orientation of Their Children? Findings from a Longitudinal Study of Lesbian Families**. *Developmental Psychology*, v. 32, n. 1, p. 3-11, 1996.
- GUIMARÃES, C. **O homossexual visto por entendidos**. Rio de Janeiro: Garamond universitária, 2004.
- MARCELLO, F. **O conceito de dispositivo em Foucault: mídia e produção agonística de sujeitos-maternos**. *Educação e Realidade*, 2004. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/25426/14752> Acesso em: 30 abril 2023.
- NARDI, H. O estatuto da diversidade sexual nas políticas de educação no brasil e na França: A comparação como ferramenta de desnaturalização do cotidiano de pesquisa. *Psicologia & Sociedade*, 2008. Disponível: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/pFMSs8nZBsvkSNkLMXrWz7x/abstract/?lang=pt>. Acesso em 1 maio 2023.
- PELÚCIO, L.; MISKOLCI, R. A prevenção do desvio: o dispositivo da AIDS e a repatologização das sexualidades dissidentes. *Sexualidad, salud y sociedad*, 2009. Disponível: <https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/SexualidadSaludSociedad/article/view/29/132>. Acesso em 1 maio 2023.
- PRECIADO, B. **Qui défend l'enfant queer?** *Libération*, 2013. Disponível em: https://www.liberation.fr/societe/2013/01/14/qui-defend-l-enfant-queer_873947/ Acesso em: 30 abril 2023
- ROLNIK, S. **Cartografia sentimental**, Porto Alegre: Meridional Editora UFRGS, 2014.
- SARCINELLI, A. On ne naît pas « enfant de », on le devient. La politisation de l'homoparentalité au prisme des descendants. *Anthropologie et Sociétés*, 2022. Disponível em : <https://id.erudit.org/iderudit/1093990ar>. Acesso em: 1 maio 2023
- STACEY, J.; BIBLARZ, T. **(How) does the sexual orientation of parents matter?** *American Sociological Review*, 2001. Disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1888274/mod_resource/content/2/DOES%20THE%20SEXUAL%20ORIENTATION%20OF%20PARENTS%20MATTER.pdf Acesso em: 30 abril 2023

TORRINHA, F. **Dicionário Latino Português**. Gráficos reunidos, 1942.

VECHO, O. ; SCHNEIDER, B. **Homoparentalité et développement de l'enfant : bilan de trente ans de publications**. La psychiatrie de l'enfant, Paris, v. 48, n. 1, p. 271-328, 2005. DOI : 10.3917/psy.481.0271

ZAMBENETETTI, G.; SILVA, R. **Cartografia e genealogia: aproximações possíveis para a pesquisa em psicologia social**. Psicologia & Sociedade, v. 23, n. 3, p.454-463, 2011.

Transmission and contagion in the relationships between lesbian mothers and her daughters and sons

Abstract: This paper intends to address the issue of homoparenting in the voices of daughters and sons who grew up or grow up in homes of lesbian mothers, more specifically with regard to the experience of sexuality of these daughters and sons. For such, we will use the notions of contagion and transmission as a way to think about the crossings of homosexuality of mothers in the lives of these daughters and sons, since, even today, the idea that lesbian mothers will raise lesbians and gays is widespread. In conjunction with the notions of contagion and transmission, the deployment of sexuality and the deployment of maternity will be evoked: the first due to the fact that the daughters and sons discussed here are subjectively constructed in reference to their mothers' homosexuality, understanding sexuality as a participant in the games of knowledge and power; the second due to the fact that they are configured from exercises of maternity. The perspective of daughters and sons will be brought based on individual interviews conducted with six Brazilian daughters, five French daughters, and two sons, one of each nationality, in Brazil and France, in the period from 2016 to 2018, in the course of a doctoral research. It was observed that the idea of the transmission of homosexuality was completely rejected by the interviewed daughters and sons, even because the sexual orientation of a person is forged in a complexity of events and experiences, a position that reinforces what numerous studies have already pointed out. Finally, the work suggests that these daughters and sons were indeed infected by their mothers. However, infected with plural worldviews. They were transmitted openness to see multiplicities of ways of being, but homosexuality was not transmitted to them.

Keywords: homoparenting; childrensexual orientation; homosexuality; transmissionlesboparenting; contagion

Recebido: 04/05/2023

Aceito: 02/08/2023